

BANCO DE DADOS E FONTES HISTÓRICAS: O TRATAMENTO DE DADOS E A PRODUÇÃO DA ESCRITA DA HISTÓRIA

RENATA DOS SANTOS ALVES¹; PATRÍCIA WEIDUSCHADT²;

¹*Universidade Federal de Pelotas/UFPel – renatasalvees@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas/UFPel – prweidus@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se enquanto narrativa do processo de pesquisar no contexto do campo de estudos da História da Educação. Tal pesquisa está situada no âmbito do Centro de Estudos e Investigações Em História da Educação (CEIHE) vinculado a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e se propõe a produzir estudo sobre o processo de construção do banco de dados de escolas multisseriadas do interior dos municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul/RS, considerando este como produto de uma operação historiográfica. Para tanto, acervos escolares apresentam-se como espaços potenciais e centrais na construção da discussão e das análises.

Juntamente com seus atores, as instituições escolares produzem diversos tipos de documentos e registros de caráter administrativo, pedagógico e histórico, exigidos pela administração e pelo cotidiano burocrático, que perpassam seu âmbito educativo. Desse modo, as escolas apresentam-se como espaços portadores de fontes de informações fundamentais para a formulação de pesquisas, interpretações e análises sobre elas próprias, as quais permitem a compreensão do processo de ensino, da cultura escolar e, consequentemente, da História da Educação.

No fazer desta pesquisa nos deparamos com dois arquivos de escolas. O primeiro deles estava em Escola Polo de Pelotas/RS e o segundo na Secretaria de Educação de São Lourenço do Sul/RS. Os documentos, sobretudo no primeiro caso, estavam em condições precárias de acondicionamento e guarda. Portanto, uma primeira ação organizada e realizada foi a de salvaguarda do material. Processos de higienização e digitalização do material foram realizados. Com tais ações seguiu a necessidade de organizar tais materiais.

Dito isso, neste escrito nos detemos a narrar e refletir o processo de produção do banco de dados. O banco de dados é utilizado como instrumento metodológico de organização das fontes históricas bem como espaço de categorização dos elementos em análise. Narramos as ações já realizadas na constituição do banco de dados analisando algumas possibilidades de pesquisa.

2. METODOLOGIA

Os documentos apresentam-se como materiais essenciais ao ofício do historiador, cabendo a este a tarefa de tornar pensáveis os documentos (Certeau, 1982). Buscando tornar pensáveis as fontes documentais, o processo de análise problematiza a produção dos documentos, utilizados em análise, em fontes históricas por entendermos que “[...]. A identificação, o uso e a interpretação das fontes são elementos constituintes do caráter e da qualidade da pesquisa, além de portarem a identidade e a autocompreensão da pesquisa histórica. (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

Desta forma, ao interrogarmos as fontes históricas a fim de cruzar dados em análise ancoramo-nos em autores como Samara e Tupy (2007), Pesavento (2003) e Ragazzini (2001) ao que concerne a problemática do tratamento do documento e sua utilização em pesquisa histórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A decisão técnica de construir um banco de dados permeia escolhas pessoais do pesquisador. A operação técnica que envolve a operação historiográfica assume um lugar fundamental, logo, “Se é verdade que a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isto ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção” (CERTEAU, 1982, p.78). Uma produção que tem início justamente no gesto de selecionar e de reunir.

A intenção e necessidade de criar o banco de dados é a princípio organizar o processo de análise e os documentos, utilizar uma ferramenta com a qual seja viável reunir os materiais, os dados em um ambiente que permita seleções, buscas e ordenamentos variados sem a perda da informação original. Ressalte-se, contudo que esta tarefa tem suas dificuldades. Criar uma tabela para coletar os dados de uma fonte pode parecer muito simples, em alguns casos, mas não é. Ter trabalhado durante três anos com parte do acervo, conhecer as fontes e, sobretudo, o contexto em que foram produzidas me auxiliaram neste momento. De tal forma que uma de minhas preocupações ao montar o banco de dados e elencar possíveis categorias de dados é a de que ele possa ser acessível a outras pessoas. Pessoas que não estão envolvidas no processo desta pesquisa, mas que possam vir a utilizar o banco de dados em outros espaços de pesquisa acadêmica.

Ao digitalizar os documentos algumas análises já eram visíveis. Mas, é claro uma leitura mais atenta foi realizada verificando assuntos abordados, objetivo do material, verificando principais temas e elegendo unidades significativas. Unidades estas que traduzi em possíveis categorias de análise. Para tanto, parto da categorização dos documentos em um banco de dados construído a partir do software “Microsoft Office Access” (Access).

Inicialmente os documentos foram organizados em duas tabelas: fontes escritas e/ou impressas; fontes orais. Opto por esta divisão para melhor considerar na inserção de dados as diferentes características das fontes. Nesse sentido criei diferentes campos de inserção para cada tabela. Para a tabela das fontes escritas estou utilizando os seguintes campos: código (para numeração do material), categorias de análise (inclusão de conceitos, temáticas que visualizo na leitura das fontes), instituição (nome da escola em que o documento foi produzido), anexo (documento em formato pdf), observações (se necessárias) e, por fim, tipo de documento (finalidade do documento: livro de atas, registro de matrículas...).

Quanto as fontes orais utilizei os seguintes campos: código, nome do entrevistado, data da entrevista, categorias de análise, termo de concessão de uso (espaço para anexar o documento), outros anexos (tais como fotos e transcrição das entrevistas) e, por fim, observações. Há de ser ressaltado que a definição de tais campos não se deu de forma imediata. Ela foi sendo definida no processo de organizar os documentos e várias vezes refeita para dar conta de novas informações que a leitura de novos documentos colocavam como necessidade.

Há 16 diferentes ‘tipos de documentos’ já inclusos na organização do banco de dados. No total já se encontram digitalizados, produzidos em formato pdf e

listados no banco de dados 397 documentos escritos e/ou impressos advindos da escrituração escolar. Ressalto que a quantidade considerável de documentação se dá sobretudo por ser a aglutinação de documentos de 12 escolas, 3 localizados no espaço rural de Pelotas e 8 no de São Lourenço do Sul. A preservação de tamanho acervo em parte se justifica por ser relativo a documentação oficial das instituições, nesse sentido era obrigatório manter na instituição tais documentos. Com o fechamento das escolas temos duas instituições responsáveis pela guarda da documentação: a escola polo Wilson Müller no caso de Pelotas e a Secretaria Municipal de Educação no caso de São Lourenço do Sul. A primeira, sobretudo, por necessitar quando ex-alunos precisam comprovar a escolaridade a fins de aposentaria e a segunda em ação de salvaguarda tendo em vista o processo de nucleação escolar organizado pela esfera municipal.

4. CONCLUSÕES

Ao trabalhar com os documentos no fazer de constituir o banco de dados foi necessário problematizar esse material, especialmente nesse caso, que a escrituração escolar e as fontes orais são fonte e objeto de estudo. O conjunto constitui uma diversidade de fontes, espaços e memórias educativas. São produções múltiplas que refletem diferentes dimensões das realidades escolares, das intenções educativas e da produção dos atores educativos. Os documentos apresentam diferentes perspectivas e permitem uma diversidade significativa de dados e de possibilidades de análise. Gostaria de elencar algumas possibilidades visualizadas ao trabalhar com o banco de dados.

Vários dos documentos permitem vislumbrar orientações da vida escolar, tensões educativas e administrativas ou mesmo embates entre legislação, prescrições das secretarias de ensino e proposta educativa local. Outros permitem traçar o perfil dos alunos, da comunidade escolar e caracterizar o corpo docente das instituições.

Diferentes documentos narram processos de ensino-aprendizagem pela ótica do professor. Há também material que desafia o pesquisador a questionar sobre a materialidade dos espaços educativos, sua potencialidade e limites. Opções pedagógicas e curriculares também se fazem visíveis no conjunto da documentação. Há traços da história do currículo, das disciplinas escolares e das relações pedagógicas.

Utilizado como instrumento metodológico a construção do banco de dados e a elaboração de categorias de análise tem organizado o trabalho da pesquisa nos aspectos quantitativos, mas também qualitativos das temáticas e fazeres representados nos documentos. Considerando a operação técnica de estruturar o banco de dados, este fazer já se configura em um primeiro movimento de análise, ao passo que foi preciso buscar interpretar as diferentes informações, identificar os dados e classificá-los.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?** in: Educar: Curitiba, n. 18, p.13-28, 2001.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi. **História & Documento e método de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 168 p.